

**A ROMARIA NO CÍRIO DE NAZARÉ: INTERAÇÃO SOCIAL,
RECIPROCIDADE E UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A PEREGRINAÇÃO**

**THE ROMARIA IN CÍRIO DE NAZARÉ: A SOCIAL INTERACTION,
RECIPROCITY AND AN ETHNOGRAPHIC VIEW AT PILGRIMAGE**

Luiz dos Santos Guilherme¹

<https://orcid.org/0000-0002-5460-7663>

Danieli dos Santos Pimentel²

<https://orcid.org/0000-0002-9866-2517>

RESUMO

O artigo estuda a peregrinação de romeiros, evento que antecede o Círio de Nazaré, festa sagrada e de cunho popular da região Norte. Dentro desse contexto em que diversos saberes transitam na cultura, consideramos que a festa, e tudo o que gira em seu entorno, carrega uma potencialidade de interação social, por meio do catolicismo popular, que une pessoas de diferentes visões e credos, culminando em uma pluralidade de trocas simbólicas, além da socialização, promovendo a reciprocidade entre os envolvidos. Para tanto, na tentativa de entender a romaria como um fato social e a prática do caminhar no território do sagrado, objetivamos estudar a romaria na voz dos peregrinos, observando, ainda, a importância das peregrinações de romeiros que saem de suas casas e viajam dias e dias por estradas com o destino à cidade de Belém-PA; muitos desses romeiros caminham para pagar promessas, enquanto outros fazem o mesmo trajeto no sentido de reafirmar a fé e a crença na padroeira do Círio. Visto dessa maneira, as interações sociais tomam a forma de um importante fenômeno ritualístico, com base na reciprocidade, fruto das ações coletivas dos envolvidos na caminhada.

Palavras-chave: Romaria. Interação social. Reciprocidade. Pesquisa etnográfica.

¹ Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); mestre em Teoria Literária (UFPA); professor Adjunto do Curso de Letras-Licenciatura da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Breves/Marajó.

² Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em convênio com o Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade do Estado do Pará.

ABSTRACT

The article studies the pilgrimage of worshipers, an event that precedes the Círio de Nazaré, a sacred festivity from popular attribute of the northern region. Inside of that context where several knowledges travel go around in the culture, we considered that the celebration, and everything rotates around it, carrying a social interaction potentiality, be through the popular Catholicism, it unites people of different visions and isms, culminating in a plurality of symbolic changes, besides the socialization, promoting the reciprocity among them involved. Therefore, in an endeavor to understand the pilgrimage as social fact and the practice of walking in the territory of the sacred, we aim to study the pilgrimage in the voice of the pilgrims, noting, still, the importance of pilgrimages who leave their homes and travel so many days by roads with destination to Belém-PA city. Many these pilgrims go on foot to pay out promises, while others course the same path in order to ratify the faith and belief in the patroness of Círio. Seen like that, the social interactions take on the form of an important ritualistic phenomenon based in the reciprocity from collective actions of people involved in the walking.

Keywords: Pilgrimage. Social Interation. Reciprocity. Ethnographic researching.

O INÍCIO DA CAMINHADA

Esse trabalho surgiu em função de um olhar sensível e atento sobre o caminhar dos romeiros durante a semana do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na cidade de Belém-PA. Isso nos leva ao mês de outubro, num fim de tarde, quando caminhávamos pela Avenida Almirante Barroso, uma das avenidas principais da cidade, em que surge um grupo de romeiros, em procissão, rumo à Basílica de Nazaré e que, nessa época do ano, chegam em peregrinação para a festa do Círio, enquanto outros desejam apenas pagar suas “promessas”. Nesse âmbito, com o objetivo de tratar do tema da romaria, a pesquisa foi se delineando de forma etnográfica. Inicialmente, pensamos em tratar do tema do Círio como um fato social total, ou seja, como algo que diz respeito especialmente à cultura dos paraenses; todavia, como o Círio já é um tema bastante estudado, partimos para uma delimitação na tentativa de abordar um assunto mais específico desse vasto evento religioso.

Assim, optamos em dar destaque ao caminhar dos romeiros, ou seja, à romaria que, a nosso ver, é mais um dos elementos que compõem a festa religiosa, e não menos importante nesse contexto, já que o Círio é celebrado em várias etapas, sendo a viagem

empreendida pelos promesseiros como parte constituinte desse evento³. A partir dessa delimitação, com o foco nos romeiros, iniciamos o trabalho de pesquisa de campo e coleta de dados, de início, fazendo um percurso inverso, começando as primeiras observações no entorno da Basílica, no bairro de Nazaré, observando a festa e seu entorno e coletando depoimento dos romeiros. Dessa forma, seguimos para o centro principal da festa no dia onze de outubro de 2018, às vésperas do “Natal dos Paraenses”⁴.

Durante o trabalho de campo, conversamos diretamente com uma das coordenadoras do Círio, integrante da Pastoral da Acolhida; essa pessoa nos forneceu as primeiras informações sobre a lógica de acolhimento e de funcionamento da Casa Plácido: essa instituição é responsável por acolher e atender os romeiros no fim de suas jornadas; é nesse local que os romeiros são recebidos e atendidos, e onde têm acesso a alimentação, repouso, cuidados médicos, massagens e lavagem ritual dos pés, sendo este último considerado um ritual sagrado⁵ muito importante, segundo a tradição católica cristã.

Em seguida, visitamos a Casa Plácido, guiados pela senhora da equipe de acolhida que nos auxiliou no local, explicando-nos as regras de funcionamento do referido espaço. Surpreendemo-nos com o inusitado, pois, como paraenses, nos sentíamos como turistas em nossa própria cidade, já que, até aquele momento, desconhecíamos os fatos que ocorrem antes do Círio de Nazaré; nessa mesma noite tivemos a oportunidade de participar da cerimônia – aberta ao público, na Praça Santuário – de apresentação do Manto Sagrado da imagem peregrina.

Mas, antes da missa, percorremos diversos espaços da Casa Plácido, e presenciamos várias etapas da chegada e do acolhimento dos romeiros. Como todos que adentravam ali, nós fomos bem recebidos e convidados a participar da acolhida. Depois, seguimos com a equipe de alimentação para sentar à mesa e comer o que estava servido a todos que ali chegavam. Foi nesse mesmo local que fizemos o primeiro contato com um de nossos entrevistados, o líder do grupo “Pedaladas da Fé”, do município de Bragança, que

³ As origens do Círio de Nazaré, segundo Cascudo (1998, p. 286), remontam, mais ou menos, ao ano de 1700, em que “o mulato Plácido José de Sousa mantinha na sua casinha, nos arredores de Belém, na estrada do Utinga ou Maranhão, grande devoção por uma imagem de N. S.^a de Nazaré, encontrada nas redondezas e réplica da que se venera em Nazaré, na Estremadura portuguesa, recordando o milagre de Dom Fuas Roupinho, alcaide de Porto de Mós, em 14-9-1182”.

⁴ Essa expressão, “Natal dos paraenses”, já é bastante popularizada na região, pois a festa adquire um caráter profundo de reunião de um grande número de pessoas para esse momento de celebração e trocas simbólicas.

⁵ Conforme Eliade (2001, p. 16), o sagrado “manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’” e este se manifesta de diferentes formas e em um número extenso de hierofanias (manifestações do sagrado).

faz esse percurso ciclista há 18 anos, segundo as informações que nos foram repassadas por meio da entrevista, da qual trataremos mais adiante.

Saindo do local, realizamos uma caminhada no Parque de diversões ITA para observar outro elemento constituinte da festa: a manifestação do lúdico encenado nos brinquedos onde as famílias se divertem; na manhã seguinte, voltamos para a Avenida Almirante Barroso, na altura do Bairro do Marco, entre as travessas Mauriti e Barão do Triunfo. Escolhemos essa avenida porque ela é considerada a principal rota de acesso à cidade de Belém, e por onde passam todos os romeiros. Podemos dizer que, nesse momento, iniciamos a segunda etapa da pesquisa, dessa vez, entrevistando um número significativo de peregrinos.

A pesquisa é etnográfica e se deu através da observação participante e entrevista aberta. Tida como um importante método da antropologia, a etnografia se funda na observação participante (observação intensiva em campo), que envolve a recolha de dados e materiais. Essa visão surge, principalmente, em seguida aos estudos de Malinowski (1976), em seu clássico livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, que descreve a experiência e o contato com os “outros” nos seus próprios termos, ou seja, vivendo com os povos distantes com o objetivo de descrever e interpretar a cultura dos chamados povos distantes; sendo assim, o autor legou para a antropologia o método da observação direta e atenta dos acontecimentos da vida cotidiana e que, por sua vez, se converterá em uma descrição pormenorizada de como vivem esses povos, ao mesmo tempo em que, imerso na vida dos “outros”, observa cada detalhe do cotidiano dos nativos: o viver, o habitar, o morar, alimentar etc. Dentro dessa perspectiva, o etnógrafo deveria sair de sua zona de conforto e ir ao encontro do “outro”, respeitando os seus saberes e os seus modos de viver.

Desse modo, realizamos a entrevista em plena caminhada dos peregrinos e romeiros. Nesse trajeto, iniciamos algumas entrevistas durante o trabalho de campo, que foi onde coletamos os dados que serviram de material para análise. No total, entrevistamos cinco pessoas, sendo uma integrante da romaria dos ciclistas; três romeiros (sendo uma mulher e dois rapazes); mais um guarda integrante da guarda do Círio, que resolvemos entrevistar para melhor entender o significado da romaria. Destacamos, ainda, que todas as entrevistas foram realizadas durante a romaria; assim, buscamos acompanhá-los (romeiros) e entrevistá-los durante o percurso. Em meio a tudo isso, além das entrevistas, fizemos registros fotográficos e a gravação de alguns vídeos, tentando, ao máximo, coletar informações que pudessem enriquecer nosso trabalho, após uma vivência in loco, no

sentido de realizar uma observação participante, para compreender esse momento considerado pelos romeiros como uma “renovação da fé”.

Alguns autores, como Malinowski (1976), Mauss (2003), Augé (1994), dentre outros, compõem grande parte da reflexão teórica desse artigo. O primeiro autor nos auxiliou a pensar de forma etnográfica o exercício de ir a campo e observar o que se passa; já o segundo, ajudou-nos a entender, com base no conceito de reciprocidade, o fenômeno das trocas simbólicas e das interações sociais; o terceiro autor possibilitou fazer uma leitura dos lugares festivos e de peregrinação como sinônimos de “não-lugares”, espaços que o autor considera como uma espécie de passagem, onde a vida é ressignificada pelas ações e fluxos humanos. Os demais autores, que aparecem ao longo do texto, ajudaram de forma muito significativa a desenvolver um olhar atento para as diferentes formas de interações sociais.

Nos tópicos que compreendem a análise dos dados, utilizamos os nomes fictícios para cada um dos entrevistados, distribuídos da seguinte maneira: entrevistado 1; entrevistado 2; entrevistado 3; entrevistado 4, e assim por diante, além do depoimento feito por um guarda do Círio, que será feito separadamente; já a seção seguinte será intitulada de Romaria, devido à importância e significado desse evento que antecede o dia do Círio. Alguns materiais de cunho fotográfico foram realizados durante o trabalho de coleta em campo, enquanto outros foram retirados de alguns sites, com indicação da fonte.

A CIDADE EM ROMARIA

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita, consideramos oportuno explicar o significado de Romaria. De acordo com Cascudo (1998, p. 790), as romarias “são centros de interesse folclórico pela variedade dos elementos convergentes, danças, cantos, alimentos, indumentárias, sincretismo religioso”. Além disso, sobre suas origens, o autor explica que, historicamente, “os portugueses trouxeram a tradição das romarias para o Brasil”, tendo como um dos centros mais importantes, o Círio de Nazaré, em Belém. Como podemos observar, a romaria corresponde a uma peregrinação, que é encetada por pessoas, e tem a ver diretamente com a questão do sagrado, já que possui um fundamento religioso e, além disso, geralmente o percurso se dá em direção a um lugar considerado sagrado. A peregrinação está intimamente ligada a uma festa religiosa, em que os peregrinos se encaminham para a adoração de um símbolo tido como sagrado, no caso

específico, a imagem da Padroeira de Nossa Senhora de Nazaré; um dos “guardas” de Nazaré explicou como essa etapa se organiza:

[...] vim aqui explicar para vocês em relação ao Círio de Nazaré e como acontece em romaria, vamos dizer. Na sexta-feira ela tem a missa de manhã, aí ela sai às oito horas em peregrinação de carro, que se chama romaria rodoviária e ela vai até Marituba, findando dentro da Cidade Nova e ficando lá na Igreja até de manhã, sendo que de manhã ainda tem continuidade até o Círio, até Icoaraci, que vai para o Círio Fluvial, chegando numa faixa de onze horas ou meio dia na escadinha, e, no sábado, se continua com a moto romaria até o Colégio Gentil pra justamente no sábado, cinco horas, começar a missa pra sair já o traslado no sábado à noite, do Colégio Gentil até a Igreja da Sé, que vai chegar numa faixa de onze horas da noite de sábado pra, de manhã cedo, no domingo, ter a missa e após a missa sair em procissão que o Círio é no domingo.

Vimos que há uma sequência lógica que faz parte da organização do Círio, e as coisas vão acontecendo de forma encadeada, precedida sempre pela romaria, até chegar ao Círio fluvial, para culminar na procissão do Círio, que ocorre todos os anos, no segundo domingo de outubro. Dentre outras coisas, observamos que toda cidade se envolve de forma direta e indiretamente na festa do Círio. Trata-se de uma celebração que dura, praticamente, um mês ou mais, a contar desde o momento em que as pessoas começam os preparativos para o mês de outubro, como bem disse a senhora que nos acolheu no primeiro dia de nossa visita ao Santuário de Nazaré, e, especificamente, na Casa Plácido, referindo-se a todos envolvidos que trabalham, coletam, doam, fazem bingos e rifas para levantamento de fundos para garantir as despesas do espaço que recebe os romeiros.

Além disso, observamos também que toda a cidade se modifica, a começar pelo aspecto visual e decorativo de alguns lugares, onde é visível a intervenção, desde o início da cidade, até os bairros mais distante de Nazaré. Desse modo, é possível perceber signos que remetem ao sagrado como, por exemplo, as casas, que ficam enfeitadas para receber a imagem peregrina; é possível ainda observar uma maior mobilização social e religiosa por meio de novenas e rezas de terços, momento em que as pessoas se unem em prol da fé, recriando diversos espaços socializadores, e o imaginário cultural se realimenta, mantendo-se como uma tradição viva. Dentro desse contexto, as fronteiras entre as religiões se solapam, culminando numa espécie de união e respeito entre pessoas de diferentes credos. Então, o Círio é uma força que move as pessoas, fazendo com que haja maior interação entre os católicos e os não católicos. A configuração do espaço cidadão já é também outro, desde o trânsito livre entre espaços mais centrais da cidade, bem como os mais periféricos; pessoas de diferentes classes sociais se agregam por um único propósito, a fé, todas exercendo uma troca mútua e uma reciprocidade marcante.

Assim, a cidade recebe um grande percentual de visitantes, ao mesmo tempo em que a sua paisagem sofre profundas transformações, pois as casas e as ruas ficam mais coloridas e festivas, diversos signos do imaginário religioso são expostos nas ruas, os artesãos expõem seus trabalhos. A geografia da cidade se altera com a circulação de pessoas, bens e serviços; aumenta a procura e a oferta de produtos e artefatos religiosos, os brinquedos de miriti enfeitam e colorem muitos espaços; alimentos típicos da culinária local dão um aroma muito marcante e peculiar desse tempo, alguns ambientes urbanos ganham mais cores com signos da cultura e da religiosidade local. É possível observar que um número maior de pessoas circula por esses espaços, principalmente nas proximidades do bairro de Nazaré e no centro histórico da cidade.

Observamos que todas essas mudanças na paisagem local interferem diretamente na maneira como as pessoas se relacionam, se socializam; as casas se enchem de gente, as famílias aproveitam para celebrar a festa e fazer confraternizações. As ruas ganham um novo significado, já não são mais apenas locais de passagem, mas pontos de encontros entre diferentes pessoas, fluxos contínuos, intensificando a vida urbana, algo que não é visto durante todo o ano. Esses lugares transitórios, ainda que de passagem, estabelecem durações e temporalidades, são espaços e cenas de confluências onde muitos aspectos diferentes convivem em harmonia e em que as tensões (as de cunho social e religioso) desaparecem no sentimento sagrado que envolve as pessoas.

Por essa perspectiva de mudança da paisagem, é possível estabelecer uma proximidade com o pensamento de Augé (1994), com o conceito de “não-lugares”, ou “espaço antropológico”, expressões essencialmente criadoras de identidades, “fomentador de relações interpessoais”. Ou, ainda, no sentido de demarcar como determinados espaços da cidade nesse período do Círio se configuram como esses “não-lugares”, já que muitos espaços ganham novas cores, os ambientes urbanos de Belém ficam ainda mais agitados com a circulação de pessoas, de romeiros, ciclistas, lembrando que as romarias são feitas por diversas formas de caminhar e de se chegar à cidade, seja por caminhada a pé, através de bicicletas, motos, carros. Assim, os fluxos urbanos se intensificam ainda mais, um novo tempo e um novo espaço se apresentam no cotidiano, “as transformações espaciais, a mobilidade social, a troca de bens e serviços e um enorme fluxo de informação” (AUGÉ, 1994, p. 111). Esse novo fluxo citadino altera não só a paisagem, mas também a relação com o tempo, ou seja, a duração da festa do Círio, que tem um tempo para começar e para acabar, atravessando algumas semanas e, após isso, a cidade volta a sua dita normalidade. Assim, alguns espaços voltam ao vazio e ao silêncio, como se a cidade vivesse esse ciclo

anual de renovação, de nascimento e de morte; é aí que o tempo áureo da festa realça a tradição religiosa, reacende o espírito de trocas simbólicas e renovação da fé cristã, segundo essa tradição.

Mesmo que Augé analise, em especial, o fenômeno da chamada supermodernidade⁶, preferindo esse termo ao invés de pós-modernidade, o autor acredita que a “produção desses não-lugares”, a exemplo, de aeroportos, vias expressas, salas de espera, centros comerciais, estações de metrô, supermercados etc., engendram novas formas de relação com esses espaços, no caso da cidade de Belém, as reflexões do antropólogo ajudariam a recompor um quadro próximo do que acontece na cidade de Belém nessa época do ano, a exemplo dos aeroportos, terminais, praças, bairros e vias expressas, que servem como espaços de circulação de bens e serviços, espaço de muita gente; por exemplo, as ruas onde a festa acontece, desde a romaria, trasladação até o roteiro final que o Círio percorre, todos esses espaços se interligam (ruas, avenidas, rios), e fronteiras entre centro e periferia se diluem. Durante o trabalho de campo, e nos vários momentos de acompanhamento das romarias, observamos que tudo muda, até mesmo o fluxo de algumas importantes avenidas da cidade, como a Avenida Almirante Barroso, que vira um novo espaço. Em alguns momentos, o trânsito é interrompido; até mesmo a pista do BRT (via de circulação de ônibus) se transforma em espaço de peregrinação.

A ROMARIA E A INTERAÇÃO SOCIAL

Como pressupõe Simmel (1983), a sociedade em si é resultante de “interações sociais”; todavia, não é apenas a interação que garante que se forme o todo social, em outras palavras, a sociedade. Isso significa dizer que parte desse conteúdo precisa ser muito bem “representado”. Para tanto, precisa seguir um conjunto de parâmetros que “orientariam as diferentes formas de interação”. De maneira ampla, vale dizer que a sociedade por si só é uma grande teia da produção humana, das pessoas que dela fazem parte, contribuindo para que determinados valores e regras passem adiante. Dentro dessa teia de produção de sentidos, os indivíduos vivem atrelados uns aos outros e, para muitos sociólogos, é impossível viver isoladamente (em sociedade), pois tudo

⁶ Ao contrário de outros estudiosos, Augé prefere usar o termo “supermodernidade” que “pós-modernidade”; para o estudioso, o primeiro termo é o que melhor definiria uma ideia de continuidade, principalmente, na modernidade vigente em que a aceleração é mais visível do que a real ruptura como preferem alguns autores, ao optarem pelo termo “pós”, com o objetivo de diferenciar as rupturas de um período para outro.

depende da interferência de outros, ou mesmo de determinados grupos. É nesse sentido que a socialização se estabelece como uma constante troca entre as pessoas, sendo a socialização permanente e por toda a vida.

Dentro dessa visão, outros estudiosos, como Goffman (2011), por exemplo, defendem que a chamada interação social é desempenhada conforme os papéis e ações de determinados grupos sociais; dito de outra forma, a interação social se dá no âmbito do social e nas situações variadas do cotidiano, em espaços historicamente já definidos, e no interior desses mesmos espaços ocorrem diversos eventos, dentre eles, os rituais intrínsecos das relações humanas, permitindo, assim, todo tipo de manifestação da cultura. Tomando como referência essas considerações, e também as ideias de Simmel e Goffman, entendemos que a interação social na romaria é algo que se encontra muito no Círio de Nazaré, e, portanto, a romaria estabelece várias formas de manifestação do humano, seja por meio do sentimento religioso, ou por meio do pertencimento cultural da festa, e tudo o que ela reúne em diferentes práticas sociais, podendo acontecer de diversas formas, como descritas nas entrevistas.

Uma das perguntas que fizemos aos romeiros foi: na estrada, durante essa caminhada, há o apoio de outras pessoas envolvidas? Alguns romeiros afirmaram que sempre “há essa ajuda”, e essa ajuda poderia ser por meio de incentivos, como também de doação de alimentos e água, como também há a presença de voluntários da equipe médica. Um caso muito interessante é a solidariedade de uma das igrejas protestantes conhecida em Belém, em que seus fiéis se disponibilizaram a ajudar, convidando os católicos para entrar, descansar, tomar água e lanche. Os dois trechos das entrevistas que se seguem pontuam exatamente isso:

É, cada um tem um modo de ajudar, né! É bonito de ver, como eles puderem ajudar eles ajudam, seja com um pacote de água, seja com 10 reais, 20 reais que é para nossa alimentação, para o próprio remédio também, que a gente precisa muito de remédio, é um modo de agradecer, como eles não pode vir com a gente [...] pensam: pelo menos vou ajudar com um pacote de água para eles chegarem lá e beber, forma de apoiar, solidariedade. (ENTREVISTADO 3).

Nós temos muita ajuda, eles ajudam bastante, dão água, café, mingau, e tem muitas paradas a todo momento, tem parada para massagem, e toda assistência médica. [...] Eles colocam tendas brancas em vários pontos da estrada. [...] Apesar da gente ser da mesma cidade e no grupo poucos eu falo, e tipo esse é meu primo, essa eu conheço, e ela é minha prima, sabe, com muitos eu não falava, mas a caminhada em si, ela criou esse vínculo de amizade, fraternidade, de poder fazer massagem um no outro, vai criando aquele dialogo, aquela amizade, e aquela caridade de poder ajudar ao próximo. (ENTREVISTADOS 2 e 4).

O entrevistado 2 comenta que ele resolveu renovar o seu propósito do ano passado que era voltado para a família na sua igreja em Marapanim, sua cidade natal, e colocou algo mais acima, que foi o seu estudo “técnico em enfermagem”, além de seu namoro de 8,5 anos; diz ainda que faz a caminhada muito mais por isso, para que possa fortalecer a cada dia, e que possa seguir em frente, firme e forte, “tocando” sempre a sua fé acima de tudo. Já o entrevistado 4 comenta que é sua primeira caminhada para Belém, que fez uma promessa para sua neta, porque ela tem uma doença nos ossos “síndrome de paget”, e ela estava ficando com uma perna menor do que a outra; além disso, diz que se “apegou” com nossa senhora para curar sua neta. Ainda sobre o efeito da interação social, a solidariedade é algo que aparece muito na fala dos entrevistados, por exemplo, um dos romeiros de Marapanim comentou sobre os preparativos que antecedem a saída da romaria com destino a Belém:

Na alimentação, a gente sai mais de um mês pedindo alimentação em Marapanim, aqueles apoio né! Eles dão todo apoio que deram de comida vem com umas pessoas que, como que posso falar...assim, que organizam né? Para chegar num ponto que é estratégico, para chegarmos e comer, daí a gente come, deita, se tiver que dormir, dorme, se não tiver, a gente anda (ENTREVISTADO 3).

É visível, então, que a romaria estabelece não só convivência dos peregrinos em viagem, mas também estabelece a troca, a partilha e a ajuda mútua durante o trajeto. Ao final do percurso, o grupo não pode chegar desfeito, ou seja, o grupo tem que esperar todos os seus integrantes para poder adentrar no ritual de lavagem dos pés. Outro importante exemplo, em que a interação social se apresenta, é durante a lavagem ritual dos pés, que acontece ao final do percurso, no momento em que os grupos chegam e são recebidos por uma equipe especializada em cuidados médicos no Centro Social de Nazaré, a Casa Plácido. Nesse local, as pessoas – os romeiros de diferentes grupos e localidades, assim como visitantes são recebidos pela referida equipe – recebem os devidos cuidados, bem como alimentação e descanso.

O mais curioso é que os visitantes e pesquisadores recebem os mesmos atendimentos (se quiserem) e a alimentação é servida de forma igualitária: “isso aqui é para todos que chegam a esse local”, disse a pessoa da equipe de atendimento. Como bem observamos, esse sentimento de reciprocidade, acolhimento e interação social se concretiza no momento em que as pessoas se voluntariam para lavar os pés dos peregrinos; vale

ressaltar que essa ação, segundo o catolicismo, simboliza o exemplo de Jesus Cristo, quando também lavou os pés de seus discípulos.

Essas fotos marcam o momento em que as pessoas se encontram e se reúnem para conversar e vivenciar esse momento; algumas pessoas celebram o fim da caminhada, outros interagem fortalecendo ainda mais o laço de fé que os une todos os anos. O trânsito livre de diferentes pessoas, promesseiros, peregrinos, viajantes e católicos, fundem-se com as diferentes cores e sentimentos da festa, e de tudo que ela proporciona em termos de diferentes trocas físicas e simbólicas.

A ROMARIA E A RECIPROCIDADE

A romaria é um momento de trocas simbólicas entre as pessoas que vêm ao Círio. Nesse aspecto, analisamos como determinados eventos durante o percurso dos romeiros afetam diretamente, não apenas o cotidiano da cidade de Belém, mas também de outros lugares distantes da capital, ou seja, todos os que direta e indiretamente se envolvem nessa prática. Isso se confirma no depoimento de alguns peregrinos que foram entrevistados com destino à Basílica. Foi observado que entre esses peregrinos, quase todos, fazem esse percurso para pagar alguma promessa, em outras palavras, ao mesmo tempo em que são peregrinos em romaria, também são promesseiros. Alguns já fazem o mesmo trajeto há alguns anos, como no caso do primeiro entrevistado – um ciclista de Bragança – que cumpre a promessa de vir com seu grupo em romaria todos os anos, no total, segundo o que relatou é que já faz a romaria por dezoito anos consecutivos:

[...] sou de Bragança, 226 km longe da capital, e a Pedalada da Fé surgiu há 18 anos. Passei por um acidente e eu fui... passei por uma cirurgia da minha perna e segundo os médicos jamais eu ia ter minha atividade normal, e era período de Círio que eu tava no hospital, e eu fiz promessa pra Nossa Senhora, que eu voltasse a minha atividade normal, e eu vinha de bicicleta pagar promessa pelo Círio. Aí foi que passei três anos ainda é..., com problema na perna, como a perna não se movimentava, e depois consegui um simples remédio caseiro e começou a mover a minha perna, eu acredito que foi Nossa Senhora que enviou essa pessoa pra eu conseguir...hoje, minha atividade é normal, eu pedalo, corro e ainda fiquei com sequelas mas, eu andando se calça comprida [...] ninguém sabe que eu tenho essa sequela, que já passei por essa situação, então depois disso, há 18 anos que a gente faz isso, todos os anos a gente vem, primeiro ano que nós saímos de Bragança é... foi no dia de hoje, 11 de outubro de 2001. E hoje, já faz... hoje, são 11 de outubro de 2018, então são 18 anos que a gente faz isso consecutivamente. (ENTREVISTADO 1).

O entrevistado 1 comenta que a ideia de fazer o trajeto de bicicleta, algo que partiu de uma promessa individual, acabou agregando outras pessoas que resolveram participar; algumas outras pessoas, certamente, por motivo de alguma promessa ou apenas com o objetivo de reavivar a fé e a devoção. Assim, relembra que a ideia “começou com três pessoas, e hoje só o nosso grupo vem quarenta e oito, fora as outras pessoas que vem muito de bicicleta, agora vem gente andando”, referindo-se aos outros grupos em caminhada pelas estradas. Ficou evidente que muitos desses romeiros chegam a Belém depois de passar muitos dias em viagem, alguns deixam as suas famílias por vários dias e se juntam em prol da caminhada. Um desses grupos, por exemplo, é um coletivo da cidade de Marapanim, que já está na décima quinta “caminhada da fé”. Segundo depoimento de umas das pessoas que compõem o grupo, no total, foram quase cem pessoas que fazem esse percurso, o grupo já estava a quatro dias na estrada e com o apoio de todos, inclusive de famílias que moram em lugares por onde os romeiros passam os recebem e ajudam com a alimentação, com locais que servem de abrigo onde os grupos pernoitam, descansam e recebem ajuda para depois seguir em viagem.

A reciprocidade é um conceito que, à luz do pensamento de Mauss⁷, envolve, essencialmente, trocas e, portanto, diz respeito a tudo o que o coletivo desenvolve mutuamente, aquilo que se troca e se contrata, por exemplo, dentro das relações de troca há uma gama de “bens e riquezas” (que podem ser “bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente”), mas também os “banquetes, os “ritos”, as “danças”, as “festas”, as “feiras” e em todos esses exemplos circulam bens físicos e simbólicos que reafirmam as tradições e a permanência dos contratos sociais. Visto por esse ângulo, a festa e a ritualística da festa do Círio envolvem determinados aspectos de troca; as pessoas trocam não somente experiências de vida ao caminhar juntas, ao estabelecer a ajuda mútua nos vários dias de caminhada pelas estradas; ao mesmo tempo, também recebem a ajuda de outros (também de forma voluntária) que não estão envolvidos diretamente no caminhar voluntário, mas que se envolvem na festa e no rito, exercitando a solidariedade; é nesse momento que as pessoas dão e trocam o que têm, mas também reafirmam os laços

⁷ O conceito de Dádiva foi desenvolvido por Mauss, a partir de seu estudo sobre a observância da cerimônia – *potlatch* – praticada entre os povos indígenas da América do Norte: *Haida, Tlingit, Salish* e os *Kwakiutl*. Essa cerimônia mostra a prática de trocas simbólicas em sociedade ditas primitivas, em que o comércio na forma como o conhecemos não tem um efeito para esses povos, no entanto, demonstram uma outra forma de comércio, que são as trocas, o ato de dar e receber. Nesse sentido, essas trocas vão além de uma representação comercial e de fins apenas lucrativos. O sentido maior das trocas de presentes reside no fato de essa prática servir de uma troca contratual que se faz na forma de presentear “em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos”. (MAUSS, 2003, p. 187).

religiosos e familiares nas reuniões de família para festejar, rezar, comer e beber. Ou no simples ato de passar na “vendinha” do artesão e comprar um regalo (presente), o que chamam de “comprar uma lembrancinha” para quem não veio ao Círio ou está distante, ou mesmo ir ao antigo largo comprar pequenos objetos-signos religiosos que reforçam a religiosidade; ao mesmo tempo estabelecem-se relações de reciprocidade, relações de doação e recebimento.

Teoricamente, dentro daquilo que Mauss chamaria de fenômeno social total se constitui a vida social sempre em movimento (se usarmos a metáfora do próprio caminhar e da mobilidade social envolvida nessa ação física), a prática social e as interações sociais e dentro desse contexto, convivem as mais diversas instituições religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares e, ao mesmo tempo -, econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo [...] sem contar com os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que estas instituições manifestam. De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo e isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações.

A reciprocidade se torna, então, um dos elementos marcantes desse período, e isso fica evidente tanto nas entrevistas como no trabalho de campo. O que foi observado só demonstra como as pessoas se envolvem direta e indiretamente na festa, reafirmando reciprocidades com base nas interações que ocorrem em diferentes espaços.

O FIM DA PEREGRINAÇÃO

Entendemos que o Círio de Nazaré é uma celebração de fé, amor, alegria, e um campo propenso à interação social; é uma festa religiosa que quebra as barreiras da vida, das religiões, das crenças, do egoísmo humano. É uma realização feita com muita honra como a promessa dos romeiros, em que eles acreditam, e têm a mais pura certeza que Nossa Senhora de Nazaré atende os seus desejos. O Círio é conhecido como a maior festividade de fé católica da América Latina, que ocorre todo segundo domingo do mês de outubro. Fiéis católicos, evangélicos e ateus seguem uma romaria, reafirmando uma tradição que já existe há muitos anos. Além disso, o Círio de Nazaré não é apenas o “natal dos paraenses”, mas sim um evento repleto de reciprocidade, onde peregrinos de toda a

região caminham até a Basílica de Nazaré, para agradecer ou pedir por milagres alcançados, ou que ainda serão. E, durante esse caminhar, há ajuda de várias pessoas de diferentes credos. Ou seja, esse momento sagrado é de interação, solidariedade e trocas simbólicas, e fica marcado para sempre na vida dos romeiros, alguns, inclusive, dispostos a continuar a caminhada por muitos e muitos anos.

Fora todo esse sentimento de cooperação e interação entre os envolvidos no Círio, há um sentimento que influencia, de alguma maneira, até mesmo aqueles que não professam o mesmo credo, mas que entendem esse fenômeno como algo maior, como algo que faz parte da identidade e da cultura local, e, portanto, podendo ser visto como um fato social total: o Círio. Esse fator foi demarcado durante grande parte do trabalho de pesquisa de campo realizado para a escrita desse artigo; alguns fatores que, infelizmente, pelo recorte temático, ficaram de fora, serviram de aprendizado e experiência que passam do campo (do trabalho de pesquisa) para a vida. Nesse contexto, vale ressaltar a importância de estudar, pelo viés da sociologia, os fatos que compõem a sociedade, determinados grupos, segmentos religiosos e as mais diferentes formas de manifestações do humano que estão na base da cultura. E a romaria, como um desses signos da cultura religiosa, encetada na prática do caminhar, da viagem peregrina com destino ao local sagrado, representa muito bem o que as pessoas são capazes de fazer em nome de suas crenças. Por outro lado, até mesmo quem não está literalmente ligado, acaba se envolvendo de alguma forma, porque a interação social mexe com muita gente, faz as pessoas interagirem, estabelecendo, ainda, mais trocas e reciprocidades.

A pesquisa de campo nos possibilitou olhar para o fenômeno social religioso de forma atenta, cuidadosa e desprovida de preconceitos, pois não sabíamos o que iríamos encontrar em campo e, em muitos momentos, cada descoberta era também uma surpresa, por exemplo, saber e conhecer mais a fundo o que, de fato, é a romaria e o que ela representa para as pessoas que dela fazem parte; ao mesmo tempo, visitar a Casa de Plácido mostrou que, em muitos aspectos, muitos são estrangeiros na própria cidade de origem.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 17.ed. São Paulo: Global, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. (Org.). Moraes Filho, Evaristo de. Trad. Pavanelli, Carlos Alberto. São Paulo: Ática, 1983.

[Recebido: 27 fev 2019 – Aceito: 20 abr 2019]